Capítulo XVII — Continuação do precedente

> **Sumário.** As Gálias conheceram antes das outras nações a vinda do Redentor: provas. — A repercussão dos primeiros milagres do cristianismo. — Os Gauleses, guardas de corpo de Herodes. Arquelau, filho de Herodes, exilado nas Gálias, dezessete anos antes da morte de Nosso Senhor.

Nas Gálias a fé remonta aos primeiros dias do cristianismo: é uma verdade estabelecida no capítulo precedente. Acrescentamos que, entre todas as regiões do Ocidente, as Gálias foram as primeiras seriamente informadas da presença do Filho de Deus entre os homens; resta prová-lo.

Desde toda a eternidade a França fora escolhida para ser a filha primogênita da Igreja. Antes de todo raciocínio, não podemos deixar de crer que, nessa qualidade, ela deve ter conhecido, antes de suas irmãs, os grandes acontecimentos que assinalavam a vinda do Messias e a presença do próprio Messias. É uma dessas belas harmonias que se encontram a cada passo nas obras da sabedoria eterna, e de cuja tocante realidade só um espírito superficial pode duvidar. Aliás, dessa gloriosa predileção a história vai logo fornecer-nos as provas mais concludentes.

Entretanto, nomeemos alguns dos acontecimentos prodigiosos de que se trata e que se ligavam intimamente à pessoa de Nosso Senhor.

São eles: 1º Os milagres que resplandeceram em torno do berço de são João Batista e cuja repercussão abalava a Judeia; as pregações do precursor aos soldados e às multidões de toda condição, acorridas às margens do Jordão para ouvir essa voz do deserto e receber o batismo da penitência; a assustadora austeridade do maior dos filhos dos homens, que o fazia tomar, até pelos doutos, por um dos antigos profetas, por Elias e pelo próprio Messias;

2º A estrela miraculosa, cujo brilho, mais claro que o sol, iluminara a zona oriental do céu;

3º A chegada dos Magos; seu encontro com Herodes e a notícia que lhe deram do nascimento do rei dos Judeus: notícia pública que lançou a perturbação no coração de Herodes e pôs em alvoroço toda a cidade de Jerusalém;

4º O massacre, inaudito na história, de milhares de crianças, ordenado por Herodes com o fim de fazer perecer o miraculoso recém-nascido;

5º A aparição dos anjos aos pastores;

6º A apresentação do Menino-Deus no templo de Jerusalém, com a dupla profecia de Simeão e de Ana.

Nos desígnios da Providência, esses fatos tinham por fim chamar a atenção de todos os povos para a Judeia; comunicar-lhes esse abalo universal anunciado pelos profetas como precursor da chegada do Desejado de todas as nações: *«E moverei todas as gentes: E VIRA' O DESEJADO de todas as gentes»* (Ag 2, 8);[1] e chamá-los a virem, por numerosas deputações, certificar-se da realidade das coisas. As vistas da Providência não foram frustradas.

À sua ação direta juntavam-se as antigas tradições conservadas entre as nações pagãs do Ocidente, como do extremo Oriente. Essas tradições anunciavam que da Judeia sairia, por essa época, o dominador do mundo; o santo, o rei, o legislador por excelência. Essas causas reunidas puseram o mundo num movimento de que não viu nem verá jamais exemplo. Devia ser assim. A descida à terra de Deus em pessoa, sob forma visível, não era o mais prodigioso acontecimento que se possa imaginar?

De tudo isso fala-se pouco, é verdade; muitos até nem suspeitam. Imaginamos de bom grado que Nosso Senhor passou pela terra sem ruído e sem brilho: astro brilhante, sem dúvida, mas logo obscurecido e visto somente pelos habitantes do pequeno canto de terra chamado Palestina: o contrário é que é a verdade.

Os homens são sempre os mesmos. Curar instantaneamente doentes desesperados; ressuscitar mortos; alimentar milhares de pessoas com alguns pães; andar sobre as ondas; com uma palavra aplacar as tempestades: em todos os tempos e entre todos os povos, fatos desse gênero, muitas vezes repetidos pelo mesmo personagem, na presença de milhares de testemunhas, são de natureza a impressionar os espíritos, a espalhar-se ao longe e a atrair aos lugares, teatros de tais prodígios, multidões ardentes de curiosidade ou ávidas de cura.

Ora, durante vários anos Nosso Senhor semeou milagres em seus passos. O número é tal que uma testemunha ocular, são João Evangelista, diz, numa sublime hipérbole:

> *Muitas outras cousas porém ha ainda, que fez Jesus: as quaes se se escrevessem huma por huma, creio que nem no mundo todo poderião caber os livros, que d'ellas se houvessem de escrever*

(Jo 21, 25).[2]

Assim, a história não deixou de conservar a lembrança desse imenso fluxo e refluxo de todos os povos do Oriente e do Ocidente para a Judeia, a fim de serem testemunhas dos prodígios cuja repercussão chegava até as extremidades do mundo e de verem os personagens extraordinários que os operavam.

O pai da história eclesiástica, Eusébio, escreve:

> *Como as obras maravilhosas de Nosso Senhor tinham tornado célebre a sua divindade no mundo inteiro, chegavam até ele, mesmo das regiões mais distantes da Judeia, multidões inumeráveis de doentes e de aflitos de toda espécie, na esperança de recobrar a saúde.*[3]

Não eram somente os judeus da dispersão que acorriam em massa a Jerusalém, atraídos pela fama de são João Batista e de Nosso Senhor; eram os próprios Gentios, de todas as partes do mundo. Vemo-los, na época da última Páscoa, que se crê terem vindo da Espanha, dirigir-se ao apóstolo são Filipe para obter dele o favor de ver o divino Mestre.[4]

No dia de Pentecostes havia em Jerusalém habitantes de todas as nações que há debaixo do céu: *ex omni natione quæ sub cælo est*. Voltados a seus países, essas testemunhas dos milagres mais extraordinários não deixaram de contar o que haviam visto e ouvido: isso está na natureza humana. Seus relatos, mais ou menos exatos, deram lugar ao aparecimento contemporâneo de grande número de evangelhos apócrifos. Dá-se esse nome a relações, sem nome de autor e mais ou menos eivadas de inexatidão, dos fatos relativos a Nosso Senhor e aos grandes acontecimentos de que a Judeia era o teatro.[5]

Era preciso que assim fosse. O Filho de Deus só viera à terra para fazer-se conhecer, amar e adorar de todas as nações do mundo. Entre todas, é-nos doce repeti-lo, depois da Palestina, as Gálias foram as primeiras instruídas do que se passava. Venhamos às provas.

O historiador Josefo nos ensina que os soldados de elite ou guardas de corpo de Herodes I eram Gauleses. Ninguém, convir-se-á, estava mais bem situado do que esses militares para conhecer os grandes acontecimentos da Judeia e de Jerusalém em particular. Enquanto todos falavam deles, teriam sido os únicos a ignorá-los? As pregações de são João Batista atraíam os soldados; quem pode responder que nossos Gauleses não tenham estado, ao menos algumas vezes, entre os seus ouvintes? Sem sair de Jerusalém, não tinham visto, guardas da corte, entrar no palácio os Reis Magos? Longe de mim acusá-los de terem tomado parte no massacre dos Inocentes, mas ao menos é indubitável que o conheciam.

Deve-se dizer o mesmo dos prodígios que assinalaram o nascimento de Nosso Senhor.

Isso posto, supor que esses soldados, escrevendo a seus parentes, que permaneceram nas Gálias, ou que eles mesmos, vindos de licença, ou dispensados do serviço e voltados a seus lares, não tenham dito uma palavra dos acontecimentos prodigiosos de que haviam sido testemunhas, nem de João Batista, o profeta do deserto, nem do personagem extraordinário que se dizia o Filho de Deus, o Desejado das nações e cujos passos todos eram marcados por prodígios, seria bater de frente com o senso comum. Seria negar as disposições íntimas da natureza humana e esquecer sobretudo a propensão dos soldados a contar o que fizeram, viram ou ouviram. Ora, essas cartas e essas conversas podiam datar dos primeiros dias da era cristã e manter as Gálias a par dos

acontecimentos relativos a são João Batista e a Nosso Senhor. Veremos logo que não é uma vã suposição.

Eis o que é positivo. No ano cinquenta e sete do reinado de Augusto, tendo Nosso Senhor dezesseis anos de idade, Arquelau, filho e sucessor de Herodes, foi privado de seu governo e enviado a exílio perpétuo em Viena, nas Gálias, onde morreu seis anos depois da paixão de Nosso Senhor.[6]

Deve-se dizer de Arquelau o que dissemos dos soldados de seu pai. Esse príncipe conhecia os prodígios inauditos que haviam assinalado o nascimento de são João Batista e de Nosso Senhor.

Pode-se razoavelmente supor que, durante vinte e dois ou vinte e três anos de exílio, jamais tenha aberto a boca a esse respeito? Pode-se tanto menos que esses prodígios tinham grande repercussão, que interessavam à sua família e que ele devia sentir-se lisonjeado, ele, testemunha ocular, de retificar-lhes ou completar-lhes as relações.

Para transformar a dúvida em certeza, acrescentemos que Arquelau se achava no meio dos Gauleses, povos os mais curiosos de notícias e os mais apaixonados do mundo, como diz César, por saber o que se passava nos países estrangeiros.[7]

Notas

[1] *Et movebo omnes gentes, et veniet desideratus cunctis gentibus.* (Ag 2, 8).

[2] *Sunt autem et alia multa quæ fecit Jesus: quæ si scribantur per singula, nec ipsum arbitror mundum capere posse eos, qui scribendi sunt, libros.* (Jo 21, 25). — Cf. *Multa quidem et alia signa fecit Jesus in conspectu discipulorum suorum, quæ non sunt scripta in libro hoc.* (Jo 20, 30).

[3] *Domini ac Servatoris nostri Jesu Christi divinitas, cum propter admiranda illius opera ubique jam celebris esset, innumerabiles et a Judaea remotissimis regionibus, morbis et cujusque doloribus afflictos spe recuperandae salutis attraxerat.* Eusébio, *Hist. eccl.*, liv. I, c. XIII, p. 119, ed. Migne.

[4] «Ora havia alguns Gentios d'aquelles, que tinham vindo adorar a Deus no dia da festa. Estes pois se encaminhárão a Filipe, que era de Bethsaida de Galiléa, e lhe fizerão esta rogativa dizendo: Senhor, nós quizeramos ver a Jesus» (Jo 12, 20-21).

[5] *Quoniam quidem multi conati sunt ordinare narrationem, quæ in nobis completæ sunt, rerum.* — «POIS que forão na verdade muitos os que emprehendêrão pôr em ordem a narração das cousas, que entre nós se vîrão cumpridas» (Lc 1, 1).

[6] *Caesar, auditis ejus accusationibus et ipsius defensione, misit eum Viennam in exilium, quae est urbs Galliae, mulctatum prius omni pecunia.* Josefo, *Antiguidades judaicas*, liv. XVII, c. XV.

[7] *Est autem hoc Gallicae consuetudinis, uti et viatores, etiam invitos consistere cogant, et quod quisque eorum de quaque re audierit, aut cognoverit, quaerant, et mercatores in oppidis vulgus circumsistat, quibusque ex regionibus veniant, quasque ibi res cognoverint, pronunciare cogant.* César, *Guerra das Gálias*, liv. IV, c. V.

Revision #1
Created 22 November 2026 15:19:42 by Admin
Updated 22 November 2026 15:33:55 by Admin